

Desafios para a Aprendizagem Internacional Colaborativa On-line e o uso das Tecnologias Digitais



Ana Paula Luiz dos Santos Aires

Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, Paraná, Brasil
aires.anapaulas@gmail.com



Diene Eire de Mello

Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, Paraná, Brasil
diene.eire@uel.br



Samantha Gonçalves Mancini Ramos

Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, Paraná, Brasil
saramos@uel.br

Resumo: A internacionalização do Ensino Superior tem sido um desafio recorrente no contexto brasileiro. Este estudo, de natureza qualitativa e interpretativista, aponta as potencialidades e limitações da Aprendizagem Internacional Colaborativa Online (COIL) e os investimentos necessários para a formação de docentes e para novas formas de certificação de disciplinas e cursos a partir de critérios mais flexíveis.

Palavras-chave: Internacionalização; COIL; Tecnologias; Aprendizagem.

Challenges for Collaborative Online International Learning and the use of Digital Technologies

Abstract: The internationalization of higher education is a recurrent challenge in the Brazilian context. This study, of a qualitative and interpretative nature, points out the potential and limitations of Collaborative Online International Learning (COIL) and the investments needed for teacher training and for new forms of certification of disciplines and courses based on more flexible criteria.

Keywords: Internationalization; COIL; Technologies; Learning.

Desafíos para el Aprendizaje Colaborativo Internacional Online y el uso de las Tecnologías Digitales

Resumen: La internacionalización de la enseñanza superior ha sido un desafío recurrente en Brasil. Este estudio, de carácter cualitativo e interpretativo, señala el potencial y las limitaciones del Aprendizaje Colaborativo Internacional Online (COIL) y las inversiones necesarias para la formación de profesores y nuevas formas de certificación de asignaturas y cursos basadas en criterios más flexibles.

Palabras clave: Internacionalización; COIL; Tecnologías; Aprendizaje.

Recebido em: 04/07/2024

Aceito em: 11/12/2024

1 INTRODUÇÃO

A internacionalização das instituições de ensino superior tem sido um desafio recorrente no contexto brasileiro. Há diversos questionamentos que permeiam a definição do termo internacionalização e sua implementação, dentre eles, seus objetivos, seus benefícios, seus resultados, os valores relacionados ao processo, os agentes, os beneficiários, as consequências positivas, os resultados inesperados, as implicações políticas e financeiras, a sustentabilidade, os interesses conflitantes, a homogeneização e hibridação da cultura (Knight, 2005).

O lançamento de iniciativas governamentais, tais como o Ciências sem Fronteira¹, o Idioma sem Fronteiras² e o Capes Print³ acabaram por definir indicadores e práticas de internacionalização que desencadearam processos reativos, generalizados, desarticulados, competitivos, mercadológicos, verticalizados, acrílicos e pautados nos parâmetros norte-americanos (De Wit, 2011; Finardi; Guimarães, 2017).

Superados os entraves iniciais, a internacionalização que se pretende implementar nas Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras atualmente é de natureza crítica, abrangente, sustentável, articulada, inclusiva, diversa e colaborativa. Estudos recentes apontam para novas possibilidades para a internacionalização no ensino superior ao considerar a promoção de mudanças paradigmáticas nos currículos, revendo suas origens, suas organizações e contemplando questões socioculturais (Joseph, 2011; Welikmala, 2011). Da mesma forma, é crucial compreender que não há planos únicos de internacionalização que se encaixem em todos os contextos e que tais propostas devem contemplar realidades alternativas (Piccin; Finardi, 2019; Stein; Andreoti, 2016).

As razões pelas quais uma universidade deveria ser inserida no cenário global devem ser

¹ Programa de pesquisa criado em 26 de julho de 2011 para incentivar a formação acadêmica no exterior, oferecendo bolsas de iniciação científica e incentivando projetos científicos em universidades de excelência em outros países e foi descontinuado em 2017.

² Programa desenvolvido pelo Ministério da Educação em 2014 que teve como objetivo principal incentivar o aprendizado de idiomas no Brasil, além de propiciar grandes mudanças no ensino de línguas estrangeiras nas universidades do País. O programa foi descontinuado no MEC em 2019 e passou a ser implementado pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES).

³ A iniciativa criada em 2018 tem por objetivos: fomentar a construção, a implementação e a consolidação de planos estratégicos de internacionalização das instituições contempladas nas áreas do conhecimento por elas priorizadas; estimular a formação de redes de pesquisas internacionais com vistas a aprimorar a qualidade da produção acadêmica vinculadas à pós-graduação; ampliar as ações de apoio à internacionalização na pós-graduação das instituições contempladas; promover a mobilidade de docentes e discentes, com ênfase em doutorandos, pós doutorandos e docentes para o exterior e do exterior para o Brasil, vinculados a programas de pós-graduação stricto sensu com cooperação internacional; fomentar a transformação das instituições participantes em um ambiente internacional; e integrar outras ações de fomento da CAPES ao esforço de internacionalização.

questionadas considerando suas especificidades contextuais. Da mesma forma, é necessário investigar quem são as pessoas beneficiadas nesse processo, pois de outra forma, o objetivo estará limitado a apenas pontuar em rankings sem, de fato, concentrar-se nas reais necessidades das pessoas pertencentes à comunidade universitária (Lima; Maranhão, 2009).

Em termos gerais, planos de internacionalização abordam a promoção de: a) mobilidade in/out e geração, compartilhamento e re-criação/co-criação do conhecimento; b) cooperação estratégica bi/multilateral via captação de recursos para a pesquisa e inovação e aprimoramento do ensino oferecido; c) qualificação da comunidade acadêmica por meio de projetos transversais nas diferentes áreas de conhecimento, entre instituições locais, nacionais e estrangeiras, configurando arranjos bi/tri/multilaterais e; d) criação de espaços compartilhados de solidariedade, visando à consolidação de atitudes positivas ao próximo e à formação de boas práticas.

Diante deste cenário complexo, este estudo se concentra na internalização em casa com foco no modelo de Aprendizagem Internacional Colaborativa *On-line* (*Collaborative Online International Learning*, doravante COIL)⁴ e os desafios práticos de sua implementação em contextos institucionais brasileiros considerando a utilização das tecnologias no desenvolvimento de suas atividades. Para tanto, após revisão bibliográfica, nos concentramos no relato de experiências de uma docente que promoveu iniciativas similares ao COIL no contexto universitário brasileiro em 2024. Em uma análise qualitativa e interpretativista, nos concentramos nos relatos de como as interações entre os participantes foram realizadas e quais foram os principais desafios encontrados, com ênfase na questão do uso das tecnologias. Por fim, a partir das análises realizadas, apontaremos estratégias para a superação dessas restrições.

2 A INTERNACIONALIZAÇÃO EM CASA E O PAPEL DAS TECNOLOGIAS

Nesta seção, iniciamos a apresentação de diferentes modelos de internacionalização para, em seguida, nos concentrarmos no modelo COIL explorando suas características, as competências a serem desenvolvidas, os estudos realizados em contexto brasileiro, os passos iniciais para elaboração de propostas, os modelos pré-estabelecidos e os desafios de implementação.

A internacionalização do ensino superior brasileiro é um processo em construção que requer

⁴ O COIL consiste na conexão de docentes e discentes por meio de plataformas online com o intuito de promover experiências de mobilidade virtual, ou seja, proporcionar dinâmicas à distância interagindo com as instituições internacionais parceiras. Seus componentes e suas propostas serão explorados no desenvolvimento deste estudo.

esforços coordenados que são sustentados pelas instituições, por iniciativas governamentais e por partes interessadas. Ela é um movimento crucial para a integração das Instituições de Ensino Superior brasileiras no contexto global ao promover o enriquecimento da experiência educacional e ao contribuir para a formação de cidadãos globais e para o progresso da ciência e tecnologia no Brasil. O resultado esperado é a melhora na qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão e o aumento da visibilidade e a competitividade das instituições brasileiras no cenário internacional.

Dentre as ações de internacionalização no ensino superior brasileiro, destacamos: 1) **Parcerias e convênios internacionais** estabelecidos a partir de acordos bilaterais de cooperação com universidades e instituições de pesquisa estrangeiras e a partir de consórcios e redes internacionais de universidades; 2) **Mobilidade Acadêmica** estabelecida a partir de intercâmbios que permitam a locomoção de estudante brasileiros para instituições estrangeiras e vice-versa, assim como, intercâmbios de professores e pesquisadores com incentivos para a realização de atividades acadêmicas e de pesquisa em instituições estrangeiras; 3) **Programas de Dupla Diplomação e Cotutela** que permitem aos estudantes, respectivamente, obter diplomas reconhecidos em duas instituições de ensino superior de diferentes países ou que permitem a elaboração de teses de doutorado supervisionadas por orientadores de duas instituições, com reconhecimento mútuo do título; 4) **Projetos de Pesquisa Colaborativa** que promovam o desenvolvimento de projetos de pesquisa em parceria com instituições estrangeiras resultando em coautoria de publicações e participação conjunta em editais internacionais, assim como, organização e participação em conferências e seminários internacionais; 5) **Curricularização da Internacionalização** que ocorre com a incorporação de conteúdos internacionais nas disciplinas e nos currículos dos cursos de graduação e pós-graduação, assim como, o oferecimento de cursos e disciplinas em línguas estrangeiras, especialmente inglês e espanhol; 6) **Capacitação e Desenvolvimento de Competências Interculturais** a partir da realização de atividades formativas (treinamentos e workshops) voltadas ao desenvolvimento de competências interculturais para estudantes, professores e funcionários e o apoio a estudantes e pesquisadores estrangeiros a partir de programas de acolhimento e suporte para a integração de estudantes e pesquisadores internacionais nas IES brasileiras; 7) **Internacionalização em Casa** com a promoção de atividades e eventos multiculturais que estimulem a troca intercultural dentro das IES e a implementação de plataformas e ferramentas digitais que facilitem a interação e colaboração internacional; 8) **Participação em Rankings e Avaliações Internacionais que apontam** estratégias para melhorar a posição das IES brasileiras em rankings internacionais de universidades e que buscam por creditações e certificações internacionais que atestem a qualidade

dos programas oferecidos e, por fim; 9) **Políticas Institucionais de Internacionalização** a partir da elaboração de planos e políticas institucionais específicas para a internacionalização e da criação e fortalecimento de escritórios dedicados à gestão e promoção das atividades internacionais.

2.1 Internacionalização em Casa: em Foco o COIL (*Collaborative Online International Learning*)

Neste complexo e desafiador cenário, este estudo se concentra na internacionalização em casa (doravante IntC) como uma estratégia para superar as dificuldades de mobilidade de estudantes e professores diante da falta de recursos financeiros para custeio de bolsas no exterior. Nosso foco recai em um modelo específico, conhecido como Aprendizagem Internacional Colaborativa On-line no qual são utilizadas plataformas digitais para facilitar experiências de aprendizagem colaborativa entre estudantes de diversos contextos culturais e geográficos.

O termo COIL emergiu como uma extensão de abordagens convencionais de aprendizagem colaborativa e de tentativas de gestão de aprendizagem on-line. Inicialmente, diferentes ferramentas eram utilizadas principalmente para coordenação e gestão de aprendizagem de cursos em ambientes virtuais sem ênfase na troca intercultural entre estudantes (Rubin, 2017). Em 2006, o lançamento do *SUNY COIL Center* na Universidade Estadual de Nova Iorque representou um marco no desenvolvimento do COIL, como resultado do trabalho do professor Rubin (2017), que buscou conectar universitários de diferentes países, promovendo colaboração e comunicação internacional por meio da tecnologia e internet.

Deste modo, o COIL foi concebido como uma abordagem pedagógica voltada para a fomentar uma conscientização intercultural em ambientes de aprendizagem compartilhados multiculturalmente, utilizando tecnologias digitais para conectar universitários de diferentes países (Niitsu *et al.*, 2022). Esse modelo visa aprimorar competências interculturais⁵, habilidades digitais e a consciência global entre estudantes universitários de várias partes do mundo (Borger, 2022; Nair *et al.*, 2023).

Os programas COIL são considerados capazes de promover a colaboração intercultural e a internacionalização no ensino superior (Liang; Jia, 2022; Lima; Bastos; Varvakis, 2020). Esses programas oferecem oportunidades de colaboração virtual entre instituições de diferentes países,

⁵ Competência intercultural refere-se à capacidade de compreender e valorizar diferentes culturas presentes em diversos contextos sociais. Nesse sentido, essa competência é desenvolvida por meio da interação respeitosa entre diferentes indivíduos, da cooperação em espaços multiculturais e do compartilhamento de conhecimentos culturais, ao mesmo tempo em que se mantém a própria identidade cultural. Em contextos de ensino, o docente deve possibilitar a troca recíproca entre as culturas, permitindo que alunos ensinem e aprendam mais sobre o outro e sobre si mesmos (Bizarro; Braga, 2004).

permitindo que estudantes trabalhem em projetos conjuntos e compartilhem conhecimentos e experiências entre si (Hilderando Júnior; Finardi, 2018; Ramirez-Marin; Nuñez; Blair, 2021). Deste modo, por meio do COIL, estudantes podem engajar-se em experiências que podem contribuir para o desenvolvimento da competência linguística, da compreensão intercultural, visando alcançar um objetivo de ensino comum (Ramirez-Marin; Nuñez; Blair, 2021). Portanto, o modelo COIL cria ambientes de aprendizagem equitativos ministrados em equipe, onde professores de diferentes culturas trabalham juntos para desenvolver um plano de estudos compartilhado, enfatizando a aprendizagem experiencial e colaborativa dos alunos.

Ainda, pesquisas indicam que uma aprendizagem colaborativa on-line pode impactar positivamente nos resultados dos estudantes, fomentando o desenvolvimento global, possibilitando melhor desenvolvimento, maior segurança do aprendiz no processo de aprendizado de diversas disciplinas (Sanford *et al.*, 2021), promovendo a co-construção de conhecimento e melhor aprendizado do objeto de estudo (Luk *et al.*, 2020), incentivando a interação social e senso de comunidade entre universitários de diferentes países. Para autores como Bernard e Rubalcava (2000) e Wang (2011), o engajamento dos estudantes em atividades COIL possibilita o desenvolvimento de habilidades essenciais para a participação em um mundo cada vez mais globalizado e interconectado. Além disso, destaca-se também a importância da interação sócio emocional, de abordagens comunicativas e do suporte ao aprendiz no *design* de experiências de aprendizagem colaborativa online significativas (Liqin, 2022; Robinson; Kilgore; Warren, 2017).

Se por um lado, uma abordagem COIL pode oferecer inúmeras vantagens para os universitários envolvidos, tal qual a personalização de um curso para atender a objetivos e necessidades específicas dos alunos, promovendo engajamento e possibilitando conexões entre estudantes do mundo todo (Luk *et al.*, 2020), por outro, também pode apresentar inúmeros desafios para os professores-mediadores do processo de ensino. Marcillo-Gómez e Desilus (2016) apontam a falta de colaboração, interação e sentimentos de desconexão cultural entre os pares envolvidos como possíveis barreiras para aprendizagem colaborativa online, bem como as limitações causadas pela tecnologia. Isso indica que professores-mediadores das diferentes instituições devem estar preparados para lidar com situações adversas, buscando desenvolver habilidades colaborativas entre os alunos e planejando cuidadosamente o *design* das experiências de aprendizagem e a implementação de modelos de aprendizagem COIL.

No panorama brasileiro, há um crescente interesse na abordagem COIL para promover colaboração internacional e experiências de aprendizagem intercultural. De acordo com Júnior e

Finardi (2018), universidades brasileiras têm explorado as possibilidades trazidas pela COIL como meio de promover programas de intercâmbio virtual, desenvolver competências globais dos alunos e fortalecer parcerias com instituições no exterior. Em um estudo acerca das *affordances* da abordagem COIL, Hildebrando Júnior, Finardi e El Kadri (2022) destacam seu potencial para a implementação de práticas críticas de ensino-aprendizagem, promovendo o letramento digital, competências linguísticas e interculturais entre os estudantes envolvidos. Além disso, a abordagem também permite a adoção de práticas decoloniais no contexto educacional superior, incentivando a reflexão sobre os outros e sobre si mesmos, além de fornecer ferramentas para pensamento crítico-reflexivo, promovendo uma mudança social progressiva. No entanto, os autores também ressaltam a necessidade de um planejamento cuidadoso (de acordo com o calendário acadêmico), tecnologia compatível e suporte das instituições de ensino superior (Hildebrando Júnior; Finardi; El Kadri, 2022).

Em um outro estudo sobre as implicações tecnológicas do COIL entre uma universidade brasileira e uma argentina, os autores destacam necessidades cruciais para docentes que se propõem a mediar o processo de ensino-aprendizagem nesta abordagem. Em primeiro lugar, deve-se considerar o uso apropriado das ferramentas tecnológicas para mediar a colaboração entre ambos os contextos participantes. Ainda, o desenvolvimento da competência para atuar em um ambiente multicultural, superando as barreiras linguísticas, é essencial. Do mesmo modo, o professor deve ser capaz de planejar e executar ações educativas colaborando com o outro professor, considerando universitários de ambos os países envolvidos, respeitando suas culturas e critérios de avaliação - ou seja, o professor deve estar preparado para lidar com possíveis diferenças culturais, saber contornar essas diferenças. Para tanto, recomenda-se que docentes se preparem anteriormente, focando no desenvolvimento de habilidades específicas para ambos os contextos (Dalmau *et al.*, 2024).

Entendidos os conceitos e as características da abordagem COIL, é necessário pensar em quais seriam os passos iniciais para esboçar uma proposta. Rubin (2017) aponta a necessidade de programa de treinamento aos parceiros envolvidos no qual sejam explorados os seguintes elementos: a) introdução à sensibilidade intercultural, b) conexão com o parceiro internacional⁶, c) configuração de um módulo COIL⁷, d) internacionalização dos resultados da aprendizagem e avaliar uma colaboração

⁶ A busca por parceiros internacionais pode ser intermediada por plataformas tais como <https://coilconnect.org/>, <https://coil.suny.edu/>, <https://www.unicollaboration.org/>

⁷ A Universidade Washington Bottel apresenta um Formulário de Parceiros COIL com direcionamentos para a configuração de um módulo COIL. <https://www.uwb.edu/connected-learning/global/coil-initiative/coil-resources>. A Diretoria de Relações Internacionais da FACENS também apresenta um *template* para elaboração de projeto COIL <https://dri.facens.br/wp-content/uploads/2020/05/Explicativo-COIL.pdf>



virtual, e) gerenciamento das equipes virtuais, f) compreensão das ferramentas de colaboração e g) avaliação da experiência junto ao parceiro internacional.

Ainda sobre a concepção de uma proposta COIL, a Collab (2024) aponta três fases para sua realização: **1) Encontro de um parceiro** - o processo inicia-se com a definição, por parte do(s) professor(es) envolvido(s), do tema e objetivos do projeto, que fundamentam o desenho da estratégia de aprendizagem e é seguido da interação com os potenciais parceiros a fim de identificar um para o projeto; **2) Elaboração do projeto COIL** - após a identificação do parceiro, o projeto deverá ser definido detalhando sua duração, o número de equipes internacionais e de elementos por equipe (por parceiro); as atividades e tarefas que os alunos deverão realizar (apresentação, regularidade dos contatos (as)síncronos, resultados da aprendizagem, prazos, entre outros); as datas das reuniões periódicas de acompanhamento e avaliação do projeto e as ferramentas de comunicação que serão utilizadas e, **3) Desenvolvimento do projeto COIL** - o sucesso de um projeto COIL depende de uma boa comunicação e interação entre os parceiros (professores e alunos) cabendo aos envolvidos identificar necessidades e garantir a participação ativa dos alunos no projeto. O desenvolvimento do projeto COIL deverá basear-se em orientações comuns aos cursos envolvidos e deverá terminar com a avaliação (pontos fracos e fortes) do trabalho desenvolvido por professores e alunos.

Entretanto, o desenvolvimento de programas COIL nas universidades brasileiras podem enfrentar restrições e desafios. A infraestrutura tecnológica das universidades pode promover conectividade limitada à internet especialmente nas regiões mais remotas, onde a qualidade da internet pode ser insuficiente para suportar as plataformas necessárias para o COIL. Da mesma forma, estudantes e professores podem possuir acesso limitado a dispositivos adequados a participar plenamente das atividades, tais como computadores ou smartphones modernos. É necessário primar pela capacitação docente para o desenvolvimento da familiaridade com as tecnologias digitais e com as metodologias ativas, uma vez que alguns docentes podem apresentar dificuldades em adotar ferramentas digitais necessárias para atividades COIL e superar a resistência a mudanças de paradigmas em relação às práticas tradicionais de ensino.

As barreiras linguísticas também devem ser consideradas, uma vez que a língua estrangeira pode ser a língua de comunicação em projetos internacionais, professores e estudantes podem enfrentar obstáculos significativos para a comunicação, para a tradução de materiais e para a adaptação dos conteúdos ao contexto cultural dos parceiros. Da mesma forma, o COIL apresenta o desafio da superação de dificuldades culturais e colaborativas através do desenvolvimento de competências interculturais (a falta de conhecimento ou preparação para lidar com diferenças culturais

pode afetar a colaboração entre as instituições parceiras) e da sincronização das atividades entre universidades em diferentes países (o que pode se tornar um desafio logístico). Por fim, é preciso superar o desconhecimento sobre o Modelo COIL promovendo uma divulgação massiva de iniciativas de sucesso de forma que os docentes conheçam os conceitos e as vantagens do referido modelo. O apoio institucional é essencial para a superação da falta de orçamento (cortes de verbas que dificultam a implementação de projetos que demandam investimento em tecnologia, treinamento e gestão), falta de políticas públicas específicas (ampliação das políticas governamentais que incentivem diretamente a internacionalização por meio de programas como o COIL) e redução da burocracia acadêmica (processos administrativos complexos e lentos podem dificultar a formação de parcerias internacionais).

Ainda acerca de financiamentos, editais para programas COIL podem ser lançados por universidades, consórcios de educação internacional e agências de fomento. Algumas universidades públicas e privadas no Brasil têm programas institucionais de internacionalização que podem incluir iniciativas como o COIL, tais como editais de programas de internacionalização⁸ e editais internos de mobilidade Virtual⁹. Por sua vez, agências de fomento nacionais tais como a CAPES¹⁰, CNPq¹¹ e Fundações de apoio à pesquisa¹² podem financiar projetos que envolvam cooperação internacional e uso de tecnologias educacionais. No que se refere às organizações internacionais e parcerias, podemos destacar a AMEXCID¹³, SUNY COIL Center¹⁴, Erasmus+¹⁵. Há também a possibilidade de consórcios acadêmicos e redes de cooperação tais como o ZICOSUR Universitário¹⁶, o Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB)¹⁷ assim como instituições privadas e organizações

⁸ Instituições como a USP, UFRGS e UNESP têm projetos para internacionalização que podem financiar atividades como o COIL.

⁹ Universidades que já possuem convênios internacionais podem fomentar projetos COIL por meio de chamadas internas.

¹⁰ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Ver: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/transparencia-e-prestacao-de-contas/programas-projetos-e-aco-es/internacionalizacao>

¹¹ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e seus [editais de apoio](#) à projetos internacionais de Pesquisa Científica, Tecnológica e de Inovação.

¹² No Paraná, temos a Fundação Araucária (<https://www.fappr.pr.gov.br/Pagina/Acoes-Internacionais>).

¹³ Parceria da Agência Mexicana de Cooperação Internacional e Desenvolvimento (AMEXCID) com a [UFMG](#).

¹⁴ O principal centro de desenvolvimento de COIL no mundo, ligado à State University of New York, frequentemente oferece programas de capacitação e parcerias que envolvem financiamento para projetos de instituições parceiras.

¹⁵ O programa da União Europeia apoia projetos de colaboração internacional, que podem incluir iniciativas de aprendizado online colaborativo (<https://coil.suny.edu/>).

¹⁶ Algumas universidades brasileiras participam de redes regionais como a ZICOSUR, que promovem cooperação acadêmica internacional e podem facilitar o financiamento de projetos COIL (<https://zicosuruniversitario.com/>).

¹⁷ Promove programas de colaboração internacional que podem incluir COIL (<https://www.gcub.org.br/>).



sem fins lucrativos, tais como a ABRUEM¹⁸, Fundação Lemann¹⁹, a Fulbright Brasil²⁰ e FAUBAI-BRaVE (Brazilian Virtual Exchange)²¹.

Com base nas ideias expostas, partimos do pressuposto que as tecnologias digitais representam uma potência a ser explorada no âmbito da mobilidade acadêmica, como trataremos a seguir.

2.2 Tecnologias, Redes e Mobilidade como Potências para a Internacionalização em Casa

Manuel Castells, em sua obra, *A sociedade em Rede* (1999), já apontava para um novo paradigma da tecnologia da informação, tendo como característica primeira o aprimoramento do indivíduo, onde ferramentas e máquinas são inseparáveis da evolução da natureza humana. Ou seja, a cultura da virtualidade e das redes interativas. “Rede entendido como um conjunto de nós interconectados” (Castells, 1999, p. 566).

As ferramentas comunicacionais produziram um novo modo de ser e estar no mundo, que implica o local e global, que possibilita um grande fluxo de informação entre pessoas em tempo real. Assim como as tecnologias de transporte alteraram a noção de espaço possibilitando fluxos de pessoas ao redor do planeta, em proporção ainda mais exacerbada, as tecnologias comunicacionais ampliaram a ideia de lugar. Entretanto, apesar do fluxo contínuo de informações e das universidades representarem o ambiente propício pela sua própria natureza para novos modos ensinar e aprender, é possível inferir que boa parte dos cursos universitários e sistemas acadêmicos tem timidamente se movimentado no sentido de flexibilizar currículos no seu sentido amplo, possibilitando ao estudante conhecer e se apropriar de conteúdos científicos para além dos muros das universidades. Para Lévy (1996), interconexão favorece os processos de inteligência nas comunidades virtuais, ampliando a variabilidade de espaços e temporalidades. Segundo ele, novos meios de comunicação estabelecem modalidades diversificadas de tempo e espaço e comunidades virtuais, também capazes de gerar reciprocidade e apoio por intermédio da dinâmica da interação sustentada.

De acordo com André Lemos (2009), a mobilidade é inerente ao ser humano. Para o autor, a cidade informacional do século XXI encontra na cultura da mobilidade o seu princípio fundamental:

¹⁸ Parcerias da Associação Brasileira dos Reitores das Universidades Estaduais e Municipais com a [UNESP](http://unesp.org.br/).

¹⁹ Organização de filantropia familiar, independente e apartidária, nascida em 2002, a partir do desejo de contribuir significativamente para um Brasil mais justo e avançado (<https://fundacaolemann.org.br/>).

²⁰ O Programa de Intercâmbio Educacional e Cultural do Governo dos Estados Unidos da América (<https://fulbright.org.br/>).

²¹ Programa da Associação Brasileira de Educação Internacional que incentiva a implantação de intercâmbio acadêmico virtual entre as instituições de ensino superior brasileiras (IES) (<https://faubai.org.br/projetos/brave/>).



a mobilidade de pessoas, objetos, tecnologias e informação sem precedentes. A comunicação é uma forma de “mover” informação de um lugar para outro, produzindo sentido, subjetividade e espacialização (Lemos, 2009).

A ideia de mobilidade acadêmica e internacionalização requer um amplo investimento financeiro, que muitas vezes não está ao alcance da maioria dos estudantes. Neste sentido, o advento das tecnologias de comunicação e informação possibilita o compartilhamento de experiências em diversos continentes, que vão desde estudos sistematizados por meio de disciplinas (síncronos e assíncronos), com uso de plataformas, cursos de extensão e ou grupos que possuem objetivos comuns. Assim, as tecnologias se apresentam como uma força motriz para ampliar e aprofundar conhecimentos nas mais diferentes áreas. Moraes e Mello (2020) defendem que os ambientes virtuais podem ser ricos em compartilhamento de informações, colaboração, desenvolvimento de atividades coletivas, servindo como espaço para que as pessoas e/ou estudantes possam se ajudar mutuamente.

Com base na perspectiva dos autores, partimos da ideia de que as atividades previstas em iniciativas do COIL devem envolver a utilização de recursos tecnológicos como forma de promover a colaboração entre estudantes e professores de diferentes países de forma on-line e interativa. Esses recursos podem variar dependendo do formato do projeto e das necessidades das instituições parceiras, dentre eles, podemos destacar: a) **Plataformas de Gestão de Aprendizagem** tais como *Moodle*, *Canvas*, *Google Classroom*, ou *Blackboard* usadas para compartilhar materiais do curso, gerenciar tarefas e prazos e promover fóruns de discussão assíncronos; b) **Ferramentas de Videoconferência** tais como *Zoom*, *Microsoft Teams*, *Google Meet* ou *Skype* que permitem a realização de sessões síncronas para interação ao vivo; palestras e apresentações colaborativas e atividades em grupo em tempo real; c) **Ferramentas de Colaboração em Nuvem** tais como *Google Workspace*, *Microsoft Office 365*, *Miro* e *Padlet* que auxiliam na co-criação de documentos, apresentações e projetos e no armazenamento e compartilhamento de arquivos); d) **Redes Sociais e Aplicativos de Comunicação** tais como *WhatsApp*, *Slack*, *Discord*, grupos fechados em redes sociais para comunicação informal entre os participantes e organização e suporte contínuo; e) **Plataformas de Tradução e Ferramentas de Idioma** tais como *Google Translate*, *DeepL*, ou *Grammarly* que ajudam na superação de barreiras linguísticas e na revisão de textos e mensagens para maior clareza e precisão; f) **Ambientes Virtuais de Aprendizagem Imersivos** tais como *Second Life* ou *Mozilla Hub* para experiências mais interativas em Realidade Virtual (VR) e Realidade Aumentada (AR) para simulações; g) **Ferramentas de Avaliação Online** tais como *Kahoot*, *Mentimeter* ou ferramentas de *quizzes* integradas ao LMS permitem avaliações formativas e interativas e feedback em tempo real;



h) **Softwares Específicos ao Tema do Projeto** dependendo da área de estudo; i) **Recursos de Acessibilidade** tais como ferramentas de transcrição automática (Otter.ai, Closed Captions) e leitores de tela e outras tecnologias assistivas (OpenAI, 2024)²².

Importante ressaltar que esses recursos devem ser combinados de forma estratégica para atender aos objetivos pedagógicos do projeto COIL, levando em conta a infraestrutura e o nível de proficiência tecnológica dos participantes.

3 O CONTEXTO E OS DADOS DESTA INVESTIGAÇÃO

Este é um estudo de natureza qualitativa por seu interesse em entender a complexidade de um fenômeno e por trabalhar “com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” Minayo (2001, p. 14). Da mesma forma, é uma pesquisa interpretativista ao se basear na concepção de que a realidade social é construída e que os sujeitos atribuem significados às suas ações e ao objetivar entender os fenômenos sociais a partir da perspectiva dos participantes.

O Fórum de Internacionalização da UEL (Universidade Estadual de Londrina), realizado em setembro de 2024, contou com a participação de 3 docentes que relataram suas experiências em colaborações internacionais em suas diferentes áreas. Em comum, os docentes haviam sido contemplados pelo Edital 003/2023²³ emitido pela Assessoria de Relações Internacionais da instituição em parceria com a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Paraná (SETI) e com a Fundação Araucária que tinha por objetivo estimular a oferta de disciplinas/cursos em línguas estrangeiras para impulsionar a inserção internacional da UEL. A primeira proposta contemplada foi elaborada pelo docente da Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo que previa ministrar a disciplina *Sustainable cities, neighborhoods and buildings*; conceitos relacionados ao desenvolvimento sustentável, ODS, agenda 2030 em Língua Inglesa em parceria com a UEM (Universidade Estadual de Maringá) e uma universidade da Índia. A segunda proposta foi enviada por um docente do Programa de Pós-Graduação em Design para a oferta da disciplina *Introduction to*

²² OpenAI. *Quais são os recursos tecnológicos envolvidos em atividades de COIL?* GPT-4 versão de 2024. Inteligência Artificial. Disponível em: <https://chat.openai.com/>. Acesso em: 1 dez. 2024.

²³ Edital ari n. 003/2023 – Disponível em: https://docs.google.com/document/d/1gIX_7gcZBppEhPS-TIUGSKeCALjhrI2/edit. Acesso em: 26 jun. 2024.



Design Thinking em parceria com a universidade de Arte e Design Moholy-nagy em Budapeste, Hungria. Por fim, a terceira proposta foi apresentada por um docente da Pós-Graduação em Filosofia que propôs um curso de extensão envolvendo Bioética, direitos humanos e ODS em parceria com a Universidade do México envolvendo estudantes de graduação, pós-graduação e docentes.

Para o desenvolvimento desta investigação, entramos em contato com os referidos docentes e solicitamos o envio de gravações em áudio nos quais fossem apresentados relatos sobre: 1) o estabelecimento da parceria e o contexto da experiência; 2) as interações entre docentes/ discentes ocorriam e, 3) os principais desafios, com ênfase na questão do uso das tecnologias. Neste estudo, em virtude do espaço delimitado, nos concentramos no relato da docente de Arquitetura e Urbanismo em busca de compreender os principais desafios encontrados e apontarmos estratégias para a superação dessas restrições.

4 MOBILIDADE EM CASA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Considerando que o objetivo principal era compreender como se deu a experiência do professor que promoveu iniciativas similares ao COIL no contexto universitário, buscamos por meio dos registros de gravação os principais desafios encontrados. O relato do professor é elucidativo ao apontar que o primeiro enfrentamento se dá pela burocracia institucional, na dificuldade de oferta de disciplina para estudantes de vários países:

Eu sugeri uma disciplina chamada *Sustainable Cities, Neighborhoods and Buildings*, em parceria com uma outra professora do curso. [...] A ideia era ofertar uma disciplina em nível de pós-graduação. Entretanto, para possibilitar a participação dos alunos estrangeiros, a saída foi abrir um curso de extensão que correu concomitante à disciplina de pós-graduação (Docente 1).

Outro aspecto apontado pelo professor, se deu no âmbito das barreiras linguísticas aliadas também ao fuso horário, levando em conta que as atividades se davam de forma síncrona. De acordo com o professor, estudantes brasileiros que se inscreveram foram desistindo em função da dificuldade de compreensão e utilização da Língua Inglesa (de 47, apenas 18 finalizaram o curso) e também pela dificuldade de encontrar horários adequados a todos os estudantes. A experiência contou com estudantes brasileiros, colombianos, mexicanos e indianos. No que se refere aos desafios apontados pela informante, dados similares em relação às barreiras linguísticas foram apontados por Wang



(2011) e, na mesma direção, Rubin (2017) adverte que um modelo de ensino superior em rede requer a integração e o diálogo entre instituições de diferentes países, com estruturas educativas variadas, diferentes calendários acadêmicos, fusos horários e estilos de ensino.

Para além dos desafios linguísticos e de logística, o professor relata que as diferenças culturais também representaram um grande desafio:

As diferenças culturais foram também um desafio. Acho que teve um estranhamento até pela informalidade, a falta de hierarquia que a gente tem no Brasil. De modo geral no sentido da participação e também nos instrumentos de avaliação, foi diferente para os estudantes estrangeiros. Eu penso que talvez aqui, para os nossos alunos, era muito mais fácil entender a forma como a gente estava propondo a dinâmica e a nossa provocação para que eles participassem. Aos poucos todos foram se ajustando e se adaptando (Docente 1).

O relato do professor demonstra que o trabalho docente requer um certo nível de competência digital e pedagógica para o desenvolvimento das atividades de ensino. Ao tratar da sistemática de avaliação, bem como o incentivo a participação e interação dos estudantes, situa a problemática no âmbito do processo de ensino e aprendizagem. Neste sentido, as concepções pedagógicas da contemporaneidade pressupõem que os estudantes não sejam meros receptores de conteúdos científicos. Contudo, ao desenvolver experiências on-line, as interações dos estudantes podem ser prejudicadas tanto pela distância física, quanto pela organização didática de um processo de ensino que não pode ser uma mera repetição de aulas expositivas tradicionais. Na mesma linha, Rubi (2107) aponta que COIL não é uma tecnologia ou uma plataforma tecnológica, mas sim um novo paradigma de ensino e aprendizagem que desenvolve a consciência intercultural.

Em relação à infraestrutura necessária para o desenvolvimento da experiência, o professor relata que equipamentos eficazes e uma internet de qualidade são imprescindíveis. Ele aponta que as aulas foram ministradas em suas próprias residências, pelo fato de terem melhor qualidade e capacidade de conexão em relação a disponibilizada pela instituição. Ainda, em relação à infraestrutura, o professor aponta que a falta de acesso a bibliotecas digitais em várias línguas, também representa uma barreira.

E por fim, como o último desafio, o professor ainda aponta os problemas relativos à certificação:

Acho que é importante pensar e se alinhar por meio de uma validação de Certificado Internacional. Tivemos que fazer esse curso de extensão e isso acabou gerando uma certa “dor de cabeça”. Seria interessante que as universidades oficializassem parcerias de um



modo mais fácil em termos burocráticos dentro da instituição (Docente 1).

Como vimos pelos relatos apresentados, ainda são inúmeros os desafios para a internacionalização em casa. Importante ressaltar que apesar do incentivo institucional as demandas para tal recaem quase que individualmente na responsabilidade do professor. Ou seja, falta ainda um amplo investimento das instituições de ensino para que tal atividade seja integrada ao “dia a dia” da universidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo discutir as potencialidades e limitações da Aprendizagem Internacional Colaborativa Online (COIL) e de iniciativas similares ao considerar o relato de experiência de um docente no contexto universitário brasileiro em 2024.

As questões aqui trazidas buscam apontar o COIL como uma alternativa que pode contribuir sobremaneira para a produção do conhecimento, trocas de experiências e pesquisas colaborativas lançando mão da potência das redes de informação. Reiteramos que nossas análises focalizam a internacionalização de forma abrangente, sustentável, inclusiva e colaborativa. Entretanto, levando em conta os desafios levantados como: burocracia acadêmica, barreiras linguísticas e culturais, fusos horários, infraestrutura e condições pedagógicas e instrumentais, faz-se necessário iniciativas em várias dimensões.

Apesar dessas restrições, iniciativas como capacitações em tecnologia e didáticas para o ensino online e idiomas, parcerias com organizações internacionais (como o SUNY COIL Center), e projetos piloto com financiamento externo podem ajudar a mitigar os desafios. Também é importante promover a sensibilização sobre a importância da internacionalização e flexibilizar a burocracia acadêmica para facilitar a adoção de programas como o COIL.

Embora não seja possível explorar em profundidade todos os aspectos que envolvem a internacionalização em casa, nos parece apropriado enfatizar o papel das tecnologias digitais e das redes neste processo, de uma infraestrutura tecnológica e equipes com capacidade para propiciar aos participantes ricas experiências culturais e acadêmicas.

REFERÊNCIAS

BERNARD, R; RUBALCAVA, B. Collaborative online distance learning: issues for future practice and research. **Distance Education**, v. 21, n. 2, p. 260-277, 2000. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1744987120970606>. Acesso em: 2 jul. 2024.

BIZARRO, R.; BRAGA, F. Educação intercultural, competência plurilíngua e competência pluricultural: novos desafios para a formação de professores de Línguas Estrangeiras. In: **Estudos em homenagem ao Professor Doutor António Ferreira de Brito**. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 2004. p. 57-70. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10216/8830>. Acesso em: 23 jan. 2025.

BORGER, J. Getting to the core of collaborative online international learning (coil). **Frontiers in Education**, v. 7, 2022. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/education/articles/10.3389/feduc.2022.987289/full>. Acesso em: 2 jul. 2024.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

COLLAB. **What is COIL?** In: ColLab. S.l., 26 jun. 2024. Disponível em: <https://collab-edu.com/hub/coil/p/whatiscoil>. Acesso em: 26 jun. 2024.

DALMAU, M. B. L; TOSTA, K. C. B. T; MENDES, M. S; PERALTA, G. M. del C. Online international collaborative learning between Brazilian and Argentine universities: implications for technological education. **EDUCITEC - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, Manaus, Brasil, v. 10, n. jan./dez., p. e231724, 2024. Disponível em: <https://sistemascmc.ifam.edu.br/educitec/index.php/educitec/article/view/e231724>. Acesso em: 26 jun. 2024.

DE WIT, H. Globalization and internationalisation of higher education. **RUSC. Universities and Knowledge Society Journal**, v. 8, n. 2, p. 241-325 (eng), 2011. Disponível em: <https://rusc.uoc.edu/rusc/ca/index.php/rusc/article/view/v8n2-globalizacion-e-internacionalizacion-de-la-educacion-superior.html>. Acesso em: 26 jun. 2024.

FINARDI, K. R.; GUIMARÃES, F. Internacionalização, rankings e publicações em inglês: a situação do Brasil na atualidade. **Estudos em Avaliação Educacional** (Online), v. 28, p. 600-626, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/eae/article/view/4564>. Acesso em: 2 jul. 2024.

HILDEBLANDO JÚNIOR, C. A.; FINARDI, K. R.; EL KADRI, M. Affordances da COIL para a internacionalização do ensino superior: um estudo de caso. **Revista da Anpoll**, [S. l.], v. 53, n. 1, p. 253–272, 2022. DOI: 10.18309/ranpoll.v53i1.1615. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1615>. Acesso em: 25 jun. 2024.

HILDEBLANDO JÚNIOR, C., FINARDI, K. Internationalization and virtual collaboration: insights from coil experiences. **Ensino Em Foco**, v. 1, n. 2, p. 19-33, 2018. Disponível em: <https://publicacoes.ifba.edu.br/ensinoemfoco/article/view/519>. Acesso em: 2 jul. 2024.

JOSEPH, C. Internationalizing the curriculum: Pedagogy for social justice. **Current Sociology**, v. 60, n. 2, p. 239-257, 2011. DOI: 10.1177/0011392111429225. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0011392111429225>. Acesso em: 2 jul. 2024.

KNIGHT, J. An internationalization model: responding to new realities and challenges. In: DE WIT, Hans. *et al.* (Orgs.). **Higher education in Latin America: the international dimension**. The World Bank: Washington D.C., p. 1-38, 2005.

LEMOS, A. Cultura da Mobilidade. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 16, n. 40, p. 28–35, 2009. DOI: 10.15448/1980-3729.2009.40.6314. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/6314>. Acesso em: 2 jul. 2024.

LÉVY, P. **O Que é Virtual?** Rio: Editora 34. 1996.

LÉVY, P. **Cibercultura**. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 2009.

LIANG, W.; JIA, C. Application of improved neighbor propagation algorithm in international communication and cooperation to promote internationalization of higher education. **Computer Applications in Engineering Education**, v. 31, n. 3, p. 696-709, 2022. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/cae.22578>. Acesso em: 2 jul. 2024.

LIMA, C.; BASTOS, R.; VARVAKIS, G. Digital learning platforms: an integrative review to support internationalization of higher education. **Educação Em Revista**, v. 36, p. e232826, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/V6vYwQZS3Tx3NNzDNJsPsvP/?lang=en>. Acesso em: 2 jul. 2024.

LIMA, M. C.; MARANHÃO, A. O sistema de educação superior mundial: entre a internacionalização ativa e passiva. **Avaliação**, Campinas, v. 14, n. 3, p. 583-610, 2009. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1414-40772009000300004&script=sci_abstract. Acesso em: 2 de jul. 2024.

LIQIN, W. Influence of emotional interaction on learners' knowledge construction in online collaboration mode. **International Journal of Emerging Technologies in Learning (Ijet)**, v. 17, n. 2, p. 76-92, 2022. Disponível em: <https://online-journals.org/index.php/i-jet/article/view/28539>. Acesso em: 2 jul. 2024.

LUK, P.; TSANG, J.; TSOI, H. S.; CHAN, K.; CHEN, J. Collaborative Online Learning in Undergraduate Medical Education: **A Scoping Review**. Research Square, 22 maio 2020. PREPRINT (Version 1). DOI: 10.21203/rs.3.rs-28397/v1. Disponível em: <https://assets-eu.researchsquare.com/files/rs-28397/v1/9de84f69-2c56-43df-ba1f-9e533b9df662.pdf?c=1631841366> Acesso em: 2 jul 2024.

MARCILLO-GÓMEZ, M.; DESILUS, B. Collaborative online international learning experience in practice opportunities and challenges. **Journal of technology management & innovation**, v. 11, n. 1, p. 30-35, 2016. DOI: 10.4067/S0718-27242016000100005. Disponível em: <https://www.jotmi.org/index.php/GT/article/view/C69>. Acesso em: 23 jun. 2024.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAES, D. F.; MELLO, D. E. O ensino de conceitos na universidade: o Facebook como instrumento de mediação didática colaborativa. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 15, n. 2, p. 361–384, 2020. DOI: 10.21723/riaee.v15i2.12391. Disponível

em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12391>. Acesso em: 10 jun. 2024.

NAIR, S.; ORIM, S.; KAUR, A.; AMOAKOHE, G. Collaborative online international learning: case studies of HEIs in Sultanate of Oman, UK, and Ghana. **SHS Web of Conferences**, v. 156, p. 06002, 2023. DOI: 10.1051/shsconf/202315606002. Disponível em: https://www.shs-conferences.org/articles/shsconf/abs/2023/05/shsconf_ictl2023_06002/shsconf_ictl2023_06002.html. Acesso em: 2 jul. 2024.

NIITSU, K.; KONDO, A.; HUA, J.; DYBA, N. A case report of collaborative online international learning in nursing and health studies between the United States and Japan. **Nursing Education Perspectives**, v. 44, n. 3, p. 196-197, 2022. DOI: 10.1097/01.nep.0000000000000974. Disponível em: https://journals.lww.com/neonline/abstract/2023/05000/a_case_report_of_collaborative_online.19.aspx. Acesso em: 2 jul. 2024.

PICCIN, G. F. O.; FINARDI, K. R. A internacionalização a partir de diferentes loci de enunciação: As concepções de sujeitos praticantes do currículo profissional. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 58, n. 1, p. 313-340, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8653317>. Acesso em: 2 jul. 2024.

RAMIREZ-MARIN, F.; NUÑEZ-FIGUEROA, L.; BLAIR, N. Collaborative online international learning: language and cross-cultural experiences of university students. **Matices en Lenguas Extranjeras**, v. 14, n. 1, p. 118-162, 2021. Disponível em: <https://revistas.unal.edu.co/index.php/male/article/view/92144>. Acesso em: 2 jul. 2024.

ROBINSON, H.; KILGORE, W.; WARREN, S. Care, communication, support: core for designing meaningful online collaborative learning. **Online Learning**, v. 21, n. 4, 2017. Disponível em: <https://olj.onlinelearningconsortium.org/index.php/olj/article/view/1240>. Acesso em: 2 jul. 2024.

RUBIN, J. Embedding collaborative online international learning (COIL) at higher education institutions. **Internationalisation of Higher Education**, v. 2, p. 27-44, 2017. Disponível em: <https://studyabroad.uic.edu/wp-content/uploads/sites/256/2020/08/Rubin-Embedding-Collaborative-Online-International-Learning-at-Higher-Education-Institutions.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2024.

SANFORD, J.; ARGENTBRIGHT, C.; SHERWOOD, G.; JORDAN, P.; HERRERA, M.; BENGTSOON, M.; MCDONALD, M. Student outcomes of an international learning collaborative to develop patient safety and quality competencies in nursing. **Journal of Research in Nursing**, v. 26, n. 1-2, p. 81-94, 2021. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1744987120970606>. Acesso em: 2 jul. 2024.

STEIN, S; ANDREOTTI, V.D.O. Decolonization and higher education. In: PETERS, M. (Ed.). **Encyclopedia of educational philosophy and theory**. Singapore: SpringerScience+Business Media, 2016.

WANG, C. Instructional design for cross-cultural online collaboration: grouping strategies and assignment design. **Australasian Journal of Educational Technology**, v. 27, n. 2, 2011. Disponível em: <https://ajet.org.au/index.php/AJET/article/view/968>. Acesso em: 2 jul. 2024.

WELIKMALA, T. **Rethinking the international higher education curriculum: mapping the**



research landscape. Nottingham, UK: Nottingham University, 2011.